

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 15, número 1 (2024)

ISSN: 2177-2886

Artigo

Importa a Espacialidade do Corpo Jovem Dissidente para a Geografia?

*¿Importa la Espacialidad del Cuerpo Joven Dissidente
para la Geografía?*

*Does the Spatiality of the Dissident Youth Body Matter
to Geography?*

Pedro Israel Mota Pinto

Universidade do Estado do Pará – Brasil

pedromota777@gmail.com

Como citar este artigo:

PINTO, Pedro Israel Mota, Importa a Espacialidade do Corpo Jovem Dissidente para a Geografia?.

Revista Latino Americana de Geografia e Gênero, v. 15, n. 1, p. 113 - 131, 2024. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Importa a Espacialidade do Corpo Jovem Dissidente para a Geografia?

¿Importa la Espacialidad del Cuerpo Joven Disidente para la Geografía?

Does the Spatiality of the Dissident Youth Body Matter to Geography?

Resumo

A masculinidade e a racialidade são marcadores que orientam nocivamente os corpos no espaço, demarcando pontos de tensão que, por sua vez, são materializados nas cartografias de violência na sociedade, assassinando jovens corpos dissidentes a cada ano. O estudo em questão tem por objetivos compreender como um grupo social, atravessado pela masculinidade não hegemônica, vivencia o espaço geográfico; e também analisar como a presença desses corpos implica na produção espacial. A metodologia se dá através da abordagem qualitativa, interseccional, *queer* e feminista, configurada por uma revisão bibliográfica e pelo trabalho de campo em ambiente universitário, com os procedimentos metodológicos de diários livres e escrituras. Como resultado, o trabalho expõe as consequências da ausência do estudo das corporalidades pela Geografia, resultando no silenciamento de jovens que têm seus pontos cardeais materializados pelo medo e um futuro de possibilidades e de escolhas negado, gerando espaços limitantes, de violência e de dor.

Palavras-Chave: Corporalidade; Gênero; Sexualidade; Juventudes; Orientação geográfica.

Resumen

La masculinidad y la racialidad son marcadores que orientan nocivamente los cuerpos en el espacio, demarcando puntos de tensión que a su vez son materializados en las cartografías de violencia en la sociedad, asesinando jóvenes cuerpos disidentes cada año. El estudio tiene por objetivos comprender cómo un grupo social, atravesado por la masculinidad no hegemónica experimenta el espacio geográfico; y analizar cómo la presencia de esos cuerpos implica en la producción espacial. La metodología se da a través del abordaje cualitativo, interseccional, *queer* y feminista, configurada por una revisión bibliográfica y por el trabajo de campo en ambiente universitario, con los procedimientos metodológicos de diarios libres y escrituras. Como resultado, el trabajo expone las consecuencias de la ausencia del estudio de las corporalidades por la Geografía, resultando en el silenciamiento de jóvenes que tienen sus puntos cardinales materializados por el miedo y un futuro de posibilidades y de elecciones negado, generando espacios limitantes, de violencia y de dolor.

Palabras-Clave: Corporalidad; Género; Sexualidad; Juventudes; Orientación geográfica.

Abstract

Masculinity and raciality are markers that guide bodies in space, marking points of tension that in turn are materialized into cartographies of violence in society, murdering young dissident bodies every year. This study aims to understand how a social group, permeated by non-hegemonic masculinity, experiences geographic space. It also seeks to analyze how the presence of such bodies implies in spatial production. The research was based on a qualitative, intersectional, queer and feminist approach, in which a literature review and fieldwork were carried out in a university environment, including the methodological procedures of 'free diaries' and writings. As a result, the work exposes the consequences of a lack of studies on corporealities by geography, resulting in the silencing of young people who have their cardinal points materialized by fear and a denied future of possibilities and choices, generating limiting spaces of violence and pain.

Keywords: Corporeality; Gender; Sexuality; Youth; Geographic orientation.

Pedro Israel Mota Pinto



— *Sinto muito, mas não sei por onde começar. A minha vida sempre foi repleta de marcas de dor. Desde quando começo a me entender gente nesse espaço, observo como meus traços me colocaram em um ambiente totalmente adoecido e que me adoecia. Não lembro um momento longo no qual isso não me atravessasse, retirando os leves momentos de estabilidade financeira, que me deram certa autonomia, mas que ao retornar ao lugar que me matou cada dia um pouco mais, voltava também ao lugar de dor e de insignificância que eu me colocava.*

(O autor, 2023)

— *Nunca importou onde eu estivesse, o que havia conquistado, as orientações que recebo nesse lugar são sempre humilhação e dor; lembro de morrer aquele dia um pouco mais. Ao leitor que iniciar este texto, saiba que no fim, há uma esperança e um alívio. Há de ser uma jornada com um final feliz, pois não se pode sobreviver tanto, para que não seja uma história e uma geografia feliz.*

(O autor, 2023).

Introdução

Segundo o Dossiê construído pelo Observatório de Mortes e Violências contra LGBTI+ (ANTRA, 2023) houve, no Brasil, 273 mortes e violências com pessoas LGBT+ em 2022. Desse quantitativo, 58,24% foram referente ao grupo de mulheres travestis, e 35,16% aos homens gays, dessas mortes, 83,53% têm como tipificação o assassinato com requintes de crueldade. Acerca da faixa etária, destacam-se as idades de 20 a 29 anos com o maior índice de mortes e, em 171 dessas mortes, não foi possível identificar a ocupação profissional, demonstrando a “invisibilização dessa população, que não é reconhecida pela sua atividade de trabalho, mas pela sua orientação sexual e/ou identidade de gênero” (ANTRA, 2023, p. 33).

No Brasil, dados de violência contra pessoas LGBT+ são contabilizados não pelo Estado, mas sim por organizações não governamentais, financiadas pelo terceiro setor, como espaços que promovem essas discussões, com dados e vivências e, a partir desse processo, proporcionam também a construção de políticas públicas que visam a proteção e manutenção de pessoas que transgridem os padrões de gênero e sexualidade em seus espaços. Isto posto, observa-se que esses dados têm como metodologia a busca de informações em notícias encontradas em jornais, portais eletrônicos e casos publicados nas redes sociais, isto é, esse número tende a ser maior, mas ausente em dados governamentais, tendo como principal característica a “extra oficialidade”.

A proposta do presente estudo, para compor o "Dossiê Homens gays e suas corporeidades: trabalho, pesquisa e cotidiano", tem como base materializar cientificamente a localidade de corpos dissidentes, que são diretamente atravessados pelas suas performances de gênero, espacializados cardinalmente através de pontos de referências específicas, como os marcadores sociais de suas sexualidades, os orientando nocivamente em seus territórios, ou seja, produzindo e reproduzindo espaços de medo, de insegurança, de ações e de

materializações de objetos para a sua própria sobrevivência.

Elenco, para esse debate, dois sistemas de regulação dos corpos que contribuem para a espacialização dos sujeitos pelos pontos cardeais da violência, em um cenário em que há limites e limitações para a existência de grupos sociais com marcadores corporais estabelecidos e apontados como não naturais e, por isso, vistos como transgressões a tal sistema, necessitando da negação, reafirmada pelos conjuntos da cisgeneridade (Silva, 2023) e pela branquitude (Bento, 2022), sendo vistos não apenas como identificação de marcadores corporais, mas também como sistemas políticos de poder.

Considerando as categorias de poder, trago para tensionar as discussões traçadas nesse estudo o dispositivo que tem como base ser um ponto de partida para a sociedade, isto é, uma estrutura que comumente não precisa de demonstração, ou quiçá, de estudos científicos sobre suas implicações, o dispositivo de poder da cisgeneridade (Silva, 2023).

A partir dos estudos de Silva (2023, p. 13), define-se o conceito de cisgênero (cis) “aquele ou aquela que permanece com o sexo atribuído no nascimento”. Isto é, ao nascer com o pênis, o bebê é automaticamente definido como homem, e no seu desenvolvimento social, ele aceita e se sente confortável com essa designação de identidade de gênero, logo, sendo um homem cisgênero, e a mesma relação pode ser feita com uma mulher cisgênero, ao se identificar com o sexo atribuído no nascimento.

Essa complexidade entre a cisgeneridade e sexualidade se atrela ainda com o que Bento (2002) chama de “pacto da branquitude”, isto é, um outro sistema de poder, que se manifesta através de uma racialidade branca, que se mantém através da dominação social das normas e também do silenciamento, não tomando para si o protagonismo da desqualificação das áreas emocionais, físicas, espirituais e intelectuais das pessoas não brancas, promovendo um entrelaçamento entre um sistema que se fortifica na manutenção da classe, da cor, do gênero e da sexualidade regido pelo padrão branco, cristão e europeu, consolidados socialmente.

Uma parte da comunidade geográfica há de se perguntar qual a relevância deste Dossiê. Isso comprovará a importância desses documentos reunidos com um propósito. Respondo que não há como pensar o espaço geográfico sem as pessoas que nele estão inclusas, visto que desdobrar-se acerca das categorias como território, lugar e o próprio espaço geográfico, é aprofundar-se nas relações entre as pessoas. Ora, se não entendemos um grupo, ele não faz parte do processo? Ou quando compreendemos as suas tensões e transformações nessas categoriais, de território, lugar e espaço, podemos dissertar e atestar suas existências e implicações espaciais? Se não se fala, não significa que não exista.

Isto marcará uma ausência científica profunda que tem atrasado a promoção de teorias e possibilidades de mitigação de problemáticas sociais e espaciais para grupos sociais em seus territórios, expressados nos estudos de Silva (2009) e Santos *et al.* (2023), acerca das ausências de reflexões sobre o corpo generificado na ciência geográfica. Dessa forma, os objetivos desse trabalho são: compreender como um grupo social interpretado a partir da masculinidade não hegemônica, tendo em vista as performances tidas como femininas e a racialidade caracterizada pela alteridade, vivencia o espaço geográfico, além

disso, também se propõe analisar como a presença desses corpos implica na produção espacial.

Por meio da metodologia qualitativa, interseccional, *queer* e feminista, direcionada por uma revisão bibliográfica acerca das temáticas abordadas, com a presença de trabalho de campo em ambiente universitário, com conversas abertas, chamadas neste trabalho de “diários livres”, encontra-se o processo metodológico deste estudo. Além da escrevivência deste autor, pedindo contribuição e licença para o conceito trabalhado pela linguista Conceição Evaristo (2017; 2020), que junta o ato de escrever com a vivência, para além disso, ligada à genealogia da ideia, como nasce e onde ela nasce, e, neste caso em específico, as experiências étnica e de gênero às quais esta escrita está ligada.

Além da introdução, da metodologia e das conclusões transitórias, este artigo divide-se em três partes dialógicas e teóricas: a importância de compreender o que trouxe esse autor até a escrita deste trabalho; a discussão teórica acerca da orientação geográfica e orientação sexual; e, por fim, a produção do espaço atrelado à produção da dor como ponto de partida para a construção de uma geografia que leve em consideração corpos dissidentes.

Saliento que essa abordagem nasce da oficina ofertada em 2023, pela professora Joseli Maria Silva, no Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, "Geografia, Sujeitos e Corporalidades", dialogando a relação da casa, do corpo e das emoções como produtoras de espacialidades.

Nesse momento, encontro respostas de questionamentos que sempre me acompanharam em vida e na universidade, além de descobrir que não apenas eu, mas outros corpos também perpassam pelas reflexões que levanto aqui, encontro forças para contribuir com a existência desses corpos em vida, a partir da ciência, em especial, da geografia.

Processos metodológicos

A partir do convite de participar deste Dossiê, vi a oportunidade de não somente expressar as bases da minha pesquisa, mas também expor como cheguei até esse momento e como, para mim, essa pesquisa não se faz unicamente em dialogar sobre dados e problemáticas, mas também como uma forma de me redimir com a minha infância, buscando sarar a culpa que não deveria ter sido plantada em mim, mas foi. E, como costume verbalizar em espaços de diálogos: para que nenhuma criança, antes de dormir, peça para não acordar mais. Isso é violento, e estas escrevivências devem contribuir para um futuro menos doloroso para elas.

Acerca dos diálogos abertos, cuja orientação me foi dada pelo professor, amigo e grande referência de bicha acadêmica, Wallace Pantoja, do Instituto Federal do Pará (IFPA), possibilitei diálogos não enrijecidos, para ouvir abertamente, sem amarras e sem armários, corpos dissidentes que ocupam os espaços acadêmicos, para visualizar como foram orientados para chegar onde estão, e como estão, de acordo com os seus marcadores de gênero, sexualidade e raça. Carinhosamente chamo essas aberturas de “diários livres”, por me lembrar de ter em mãos sempre um papel e uma caneta que registrasse emoções que eu não podia verbalizar quando criança.



Durante anos, meu diário livre foi violado, escancarado e exposto sem a minha permissão, com a intenção de me diminuir e reprimir. Mas sempre que encontro um fragmento de papel que meu eu do passado, ainda criança, deixou para que eu lesse, sinto que tenho um compromisso com ele. Aqui então deixo o diário livre, com a nossa permissão, aberto, amostrado e escancarado, pois os conflitos que nos prendiam em um armário, hoje são pautas e trampolins para níveis de paz e de vivências maravilhosas, como a participação neste conjunto de obras tão ricas e tão necessárias.

Assim, as entrevistas informais foram construídas a partir do diálogo entre os corpos que quisessem e pudessem compartilhar seus atravessamentos referentes aos seus marcadores corporais. Para a identificação, levei em consideração um implicador das histórias, os apelidos, que surgiam no meio das narrativas dos jovens que vivenciam a graduação e a pós-graduação em Geografia nas suas instituições públicas de ensino, no Estado do Pará, a partir da contextualização da sociabilidade e atravessamentos referentes aos espaços físicos. Logo, trago com respeito e carinho para este estudo as histórias de Mariquinha, Paula, Um Leão e Cara de Sapo.

Decido pôr codinomes de apelidos que foram violentos em suas histórias, visto que toda bicha que se preze reivindica o direito de ressignificar suas dores. Nossos apelidos marcaram um momento muito precioso de nossas vidas, a nossa infância, e ela deve ser reestabelecida e reconectada como um período que nos trouxe até aqui, e não mais de esquecimento do que vivemos. Assim, as falas e narrativas materializadas neste ensaio foram possibilitadas por diálogos profundos, das evidências da espacialidade de corpos dissidentes.

Para que compreendam as questões levantadas pelos personagens desse estudo vale apresentar alguns de seus marcadores e de identificações: Mariquinha é um corpo não-binário, afeminado, bissexual, pardo, vivenciando a pós-graduação em Geografia, morador de um bairro periférico; Paula, um homem cis gay, preto, também se considera afeminado, estudante da graduação em Geografia, morador de um bairro periférico; Um Leão, um homem cis, gay, branco, vivenciando a pós-graduação em Geografia; e, por fim, Cara de Sapo, um homem cis, hétero, preto, não afeminado, morador de bairro periférico, estudante da graduação em Geografia.

Acerca da imersão na relação entre Geografia, sujeitos e corpos proporcionado pela professora Joseli Maria Silva, a qual chamo carinhosamente de nossa “Rainha *Queer* da Geografia”, ousar dizer que esse entrelaçamento de questões representa, para mim, uma das maiores viradas de chave sobre entender a vivência de tantos corpos que se espacializam através da dor. Surgem assim as reflexões dessa relação expostas em sala, refletidas em obras que também serão expressadas neste estudo.

Sobre isso, saliento que a compreensão de corpos se espacializando através dos seus atravessamentos de gênero, sexualidade e raça, moldam uma Geografia que, a partir de desafios lançados pela pandemia da COVID-19, olha para o corpo como um recorte promotor de território, lugar e espaço geográfico em tantos conflitos e contradições (Silva; Ornat, 2021). Corroboro aqui com as ideias de Bento (2022) e Silva (2023), que contribuem com a interpretação deste estudo a partir da interseccionalidade dos sistemas de cisgeneridade e branquitude.



A pesquisa, meu corpo e eu

Faz-se importante que me conheçam, pois isso leva à compreensão do caminho traçado para a produção deste estudo, para então entenderem a urgência deste ensaio dentro de diversas ausências que muitos danos me causaram. Ao adentrar a graduação de Geografia, não pude compreender a dimensão da ciência que estava por ser o meu motor de vida. Medo e desaprovação tornaram aquela primeira semana de curso assustadora, até que consegui me dar a oportunidade de vivenciar mais uma semana, e daí em diante percebi que a Geografia era um oceano, e eu podia adentrá-lo sem medo. A princípio, já havia decidido que a Terra Firme¹ seria o meu bairro pesquisado, com a pretensão de dar retorno à periferia que muito me acolheu e me tornou resistente a tantas dificuldades da vida.

Entretanto, também havia decidido não tratar sobre violência, entendendo que era uma temática estereotipada e também já desgastada por tantos pesquisadores ao se tratar de bairros periféricos em Belém. Até que entrei na realidade da pesquisa e vivi o que significa pesquisar. Foi, então, que as decisões exatas passaram a não ser tão certas assim.

Na universidade, tive a oportunidade de poder ser quem eu podia ser, não quem eu deveria ser em relação à vontade de terceiros. Compreendi minha sexualidade, vivenciei as problemáticas que foi o atraso de me compreender em uma não padronização do que é ser homem, e aceitei que aquilo não era errado, pelo contrário, salvou-me e me levou a estar em espaços que, não fosse a subversão, eu certamente não estaria. Sobretudo me aceitando e me entendendo homem, sim.

No âmbito acadêmico, tive envolvimento *a priori* com o "Grupo de Pesquisa Geografia do Pará Urbano", que me fez compreender as dinâmicas espaciais que estavam entrelaçadas na minha realidade na periferia. Analisar conceitos, abordagens e métodos de leitura do espaço começou a abrir os horizontes do que poderia estar ao meu alcance, conformando a pesquisa à qual eu iria me dedicar ao longo de três anos na graduação, a partir daquele momento.

Ainda não querendo tratar de violência, em 2019, tive a oportunidade de adentrar no "Laboratório de Geografia da Violência e do Crime", como bolsista do projeto "Territórios pela Paz" (CAPES, 2019), justamente para tratar da espacialidade da violência no bairro da Terra Firme. Contraponto resistente ao que eu pretendia não pesquisar, a possibilidade de uma bolsa para contribuir com a autonomia de um jovem negligenciado e sempre cobrado pela família por conta de traços "errados" me fez participar do projeto.

Em meio às discussões acerca da violência do território e análise de dados de homicídios, vi-me em um espaço de homens heterossexuais discutindo poder, territorialidade e corpos matáveis, e apenas sabia que eu não podia ser silenciado, ou excluído, eu também poderia contribuir no projeto, sendo quem eu sou, e justamente por ser como sou.

Ainda em 2019, paralelo aos processos que estava vivenciando, surgiu a oportunidade de construir como Comissão Organizadora o Encontro Nacional

1 Bairro periférico localizado ao sul da cidade de Belém do Pará.

de Estudantes de Geografia (ENEG), em julho, na Universidade Federal do Pará. O encontro foi pensado por um grupo de jovens, negros, LGBTQ+, de religiões afro-descendentes e mulheres, que tinham uma vontade de revolucionar a ciência, refletidos na própria temática do evento: "Geografias Subversivas: quebrando barreiras, construindo laços", título esse retirado da obra da professora Joseli Maria Silva (2009), da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sendo ela nossa convidada especial, a qual mudaria completamente minha trajetória acadêmica e de vida profissional.

Ao mediar a mesa da professora, pudemos ter vários momentos de troca de afeto, e poder ouvi-la foi, de certo, um dos maiores encontros e desencontros existenciais, quando passei, naquele instante, a me questionar qual era o meu papel enquanto futuro geógrafo. Com toda a certeza, ali pude me desprender das minhas certezas e construir novos laços dentro da pesquisa, mostrando-me que tratar a violência urbana poderia ser também um processo de cura, ao desvendar os mistérios do corpo na produção de espaços e territórios.

Pouco estudada pela Geografia no Pará, a abordagem de gênero e sexualidade, desenvolvida pelo grupo de estudos da professora Joseli Silva, o GETE, "Grupo de Estudos Territoriais", já estava bastante avançada, e com trabalhos condensados, prontos para serem exemplos para outros locais, assim, quando retorno aos grupos de pesquisa na universidade que faço parte, em agosto de 2019, trabalhar violência tomou outro ritmo, outras visões, enfim, eu havia me encontrado e estava grato por estar tratando aquele tema, tão caro a mim, e tão necessário para a Geografia no Pará.

E essa trajetória formaliza o que hoje tenho tido como interesse e prática científica e de pesquisa. Abordar o gênero e a sexualidade na leitura da violência urbana não é puramente análise de dados para um projeto de pesquisa, ou pelas outras urgências que essa abordagem demandou, as quais irei expor posteriormente, mas foi uma motivação de vida, da minha vida, pessoal e profissional.

Orientação geográfica e orientação sexual: os pontos cardeais da dor

Ao analisar a orientação sexual como variável diretamente ligada ao processo de construção social de uma comunidade, vale destacar qual proposição de sexualidade está se tomando, isto é, o que seria de fato uma designação de sexualidade para a presente pesquisa. Para esse diálogo, é pertinente a interação entre autores que dissertam acerca da sexualidade, do gênero e das construções sociais que moldam os caminhos traçados pelos corpos.

Ahmed (2006), Butler (2018) e Foucault (1984) expõem em suas narrativas a preocupação dos objetos que moldam o corpo, sendo ele masculino ou feminino, e todas as consequências que a transgressão a esses objetos pode ocasionar nesse processo. É importante salientar que a tensão exposta nessa análise é atravessada diretamente por contextos de violência, visto que a pesquisa em si nasce de uma análise territorial de violência urbana em uma periferia da Amazônia, o bairro da Terra Firme.

Isto é, dentro da análise da violência urbana, pude compreender como os sistemas se impõem para direcionar corpos dissidentes para zonas de

regulação, e quando não obedecem a esse fluxo, são diretamente violentados, seja pela moldagem de seus comportamentos, seja pela última ação da violência, a morte. Os autores utilizados promovem uma construção teórica acerca do movimento dos corpos no espaço, e seus direcionamentos pontuam diretamente a dinâmica de nocividade a qual atravessa os sujeitos analisados pela pesquisa.

Saliento o bairro como uma periferia da Amazônia, pelas particularidades que atravessam a sua construção, sendo fundado sobre caroços de açaí, lixo e castanhas (Ferreira, 1995), a Terra Firme é atravessada pelos rios amazônicos, sendo o Tucunduba a segunda maior bacia hidrográfica da cidade que, além de trazer as águas de cores marrons, também contribui para um fluxo intenso do tráfico de drogas (Couto, 2018).

Tal relação complexa é expressa nos pontos de comercialização das drogas que, conectados ilegalmente pelos rios, tornam mais intensa as dinâmicas da violência urbana, que se mistura também com o uso dessa mesma água para o banho de jovens e o uso doméstico das casas ao seu redor, apresentando, por sua vez, múltiplos usos e funcionalidades.

Avançando nas preposições, segundo Butler (2018), é socialmente construído ao corpo a heterossexualidade compulsória como regime de poder e de discurso, sendo esse fator de essencial compreensão às análises seguintes. A dicotomia entre ser homem e ser mulher se faz mediante as relações sociais que designam tais tarefas e tais doutrinas aos sexos que são atribuídos ao nascer. Aponta Ahmed (2006), a orientação sexual como delineadora, não sendo assim uma opção, passível de escolha do sentimento, do sentir, mas sim ligado ao corpo, inerente ao ser:

As orientações moldam não apenas como habitamos o espaço, mas como apreendemos esse mundo de habitações compartilhadas, assim como ‘quem’ ou ‘o que’ direcionamos nossa energia e atenção para o que queremos (Ahmed, 2006, p. 3).

A forma como se concebe a sexualidade perpassa justamente pela orientação que seguimos de acordo com as forças que impulsionam tais ações no espaço, ou seja, com as normas sociais ditam padrões ao convívio social, que de diversas formas podem ser nocivas à sociedade.

Esses direcionamentos vão desde as relações entre familiares que salientam o casamento de seus filhos recém-nascidos, por terem sexo opostos, o famoso chá revelação, a verdadeira ideologia de gênero sobre um corpo que ainda não fala, até a represália de movimentos não condizentes com os padrões de gêneros pré-estabelecidos ao nascer, em outras palavras, as performances de gênero exigidas pela sociedade *versus* as performances de gênero que urgem em cada indivíduo nascido.

Rossi (2011), Leal e Silva (2022), Bento (2022) e Silva (2023) articulam a masculinidade nociva com um sistema que se constitui no corpo e ultrapassa a sociedade através da rua, no qual os mecanismos que promovem a expansão das normatizações do corpo masculino traçam no comportamento, idealizando um único sentido e jeito de tomar decisões e de se espacializar a masculinidade, a partir da força, da insensibilidade e pelas relações hierárquicas de mais para menos homem, delimitando, assim, quem faz e quem

não faz parte desse sistema, mantido pela homossociabilidade (Rossi, 2011).

Levanto o debate acerca de uma masculinidade hegemonicamente cobrada entre jovens periféricos, que visualizam e são visualizados, através da sociabilidade entre homens heterossexuais, a partir da concepção de ser homem através da expressão corporal violenta, insensível, autoritária e sem qualquer indício de “feminilidade” que possa machucar essa ideia construída.

Sendo assim, para Ahmed (2006, p. 6) “a orientação envolve o alinhamento do corpo e do espaço: só sabemos para que lado virar quando sabemos para que lado estamos virados”. Para uma melhor compreensão, é necessário entender que, para a autora, o conceito de “orientação” perpassa pelos atravessamentos no espaço, a exemplo do corpo que depende da habitação para o seu mantimento.

Ser familiar ao espaço é dar ao corpo a “capacidade de se orientar desta ou daquela maneira” (Ahmed, 2006, p. 6). A questão da orientação torna-se para Ahmed (2006) uma contestação não apenas sobre estar no ponto cardeal da orientação geográfica, mas de que forma, ou com quais atributos e ações, permanecer, ou não, no ponto cardeal de dada orientação geográfica.

Essa então orientação sexual, para este tópico, é fruto de uma recusa ao diálogo acerca das sexualidades (Foucault, 1984). Ou seja, não se tem em proporções consideráveis debates acerca da diversidade e normalização de sexualidades outras, e isso fomenta o não desenvolvimento de corpos que não se identificam com a orientação sexual imposta a eles.

Além disso, há também o fomento do estruturalismo heterossexual (Butler, 2018), que influencia diretamente como agir, como falar e como se posicionar nos espaços, seguindo uma lógica heteronormativa, inviabilizando o processo cognitivo e criativo dos corpos em dados territórios, e corpos que não seguem esse determinante padrão social se tornam dissidentes por divergirem de tais princípios e diretrizes.

O nascimento e fixação dessa orientação sexual pré-estabelecida, para este estudo, destaca-se a masculinidade violenta, são frutos também dos objetos de pressão que tensionam a orientação sexual dos corpos masculinos em pontos específicos das orientações geográficas no espaço (Ahmed, 2006).

Isto é, em espaços atravessados pelo tráfico de drogas, por exemplo, essa relação e construção de sexualidade é fomentada pelas referências de homem que os jovens passam a ter, de acordo com as realidades a eles expostas. A exemplo do “homem mal” que, fardado, inviabiliza a diversão na rua, e o “homem bom”, sendo aquele que promove segurança e infraestrutura através de simbolismos de força e campos de futebol. Somente um desses se torna um referencial.

Para Foucault (1984), a sexualidade é um dispositivo histórico, fomentado a partir do século XIX, que objetiva dominar o corpo e o sentimento de desejo. Esse dispositivo nasce da concepção “foucaultiana” de biopolítica, isto é, um diagrama de poder que gere a população que, ao se relacionar com o dispositivo da sexualidade, torna-se, então, o biopoder.

Por ser um dispositivo de poder, é então utilizado direta e indiretamente para manipular corpos no espaço, os direcionando conforme a hegemonia de poder os deseja espacializar. Esse dispositivo dominante se entranha socialmente através dos sistemas sociais de dogmas não ditos, mas

estritamente mantidos e orientados dentro das comunidades.

A sociedade brasileira, a cada ano, assassina em média 150 corpos de pessoas não heterossexuais, pelo simples fato de não serem heterossexuais, e dos inúmeros casos não notificados, mas que são escancarados por amigos, de corpos suicidados, também assassinados por essa sociedade. Assim, a orientação sexual e a orientação geográfica se encontram no sistema de biopoder na materialidade de corpos matáveis, não sentidos pela sociedade, que se espacializaram conforme o dispositivo da sexualidade ordenou e pontificou na realidade do espaço geográfico, por meio das relações de poder.

De acordo com o "Anuário Brasileiro de Segurança Pública" (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023), o padrão de corpos que mais morrem pelos indicadores de Mortes Violentas Intencionais segue o mesmo: 91,4% são do sexo masculino, sendo mais de 50% entre as idades de 12 e 29 anos. O atravessamento da raça e da juventude também são predominantes e questionadores, salienta-se ainda que mais de 75% dessas mortes são de pessoas negras.

Existe assim uma sistematização das mortes, na qual se identifica que os marcadores de corporalidades são de importante consideração para a compreensão e mitigação das problemáticas. Os marcadores do corpo, para a violência, não são lavados em consideração, visivelmente expressados em dados estatísticos e nas vivências de jovens homens negros, a exemplo da fala a seguir:

Andar sempre muito atento, porque a qualquer momento a gente pode morrer de graça. Quando tu és uma pessoa preta, uma pessoa LGBT... se tu tens consciência do que tu és, [...] tu vais sofrer violências, vais tentar lutar contra, mas tu vais ser de toda forma apagado. Seja intelectualmente, seja fisicamente (Cara de Sapo, entrevista realizada em outubro de 2023).

Sobre a construção "foucaultiana", corroborado adiante por Raffestin (1993), todas as relações sociais estão acompanhadas de relações de poder, isto é, é intrínseco à sociedade uma estruturação que seja passível de controle de ações e comportamentos, sendo então corrigidos através de punições radicais, perspicazes e constantes.

Dentro de casa, inúmeros casos se apresentam entre homens gays que, ao performarem o que a sociedade entende enquanto feminilidade, foram brutalmente obrigados a mudar seus jeitos, falas e posicionamentos, contudo, vale ressaltar que, neste caso, estamos nos referindo apenas a uma masculinidade não hegemônica. Uma coisa não é antagônica da outra, e tanto a masculinidade quanto a feminilidade podem coexistir no mesmo corpo.

Em níveis governamentais, o sexo, a partir do século XVIII, torna-se um objeto de investigação científica e, posteriormente, de forma gradativa, de interesse do Estado, dentro da pedagogia do sexo da criança; da medicina, no estudo acerca do sexo da mulher; e da demografia, com a regulação do nascimento. De acordo com o filósofo, o sexo se torna uma norma tanto para o corpo que se quer disciplinar, quanto para a regulamentação de uma população. Ora, a sexualidade se torna um fator de articulação do biopoder,

cujo os sujeitos estariam organizados em massa para a então organização política, a biopolítica (Foucault, 1984).

Sendo assim, corpos dissidentes apresentados nesta pesquisa se espacializam e se comportam durante suas vivências, de acordo com as suas expressividades de gênero, sexualidade e racialidade. Através dos conflitos que seus corpos possibilitaram e pulando as estatísticas da morte, sobreviveram para contar em seus diários livres os apontamentos, a cardealidade e as ressignificações que suas corporalidades demarcaram no tempo e no espaço da dor e da sobrevivência.

Marcadores do corpo, espacialidades e violências

Conversas abertas, diários livres...

Para Silva e Ornat (2021, p. 45):

O espaço simultaneamente conectado, desconectado e desigual promove fluxos de várias naturezas que possibilitam tanto a promoção da solidariedade, como o aprofundamento das injustiças econômicas, sociais e ambientais.

Ao possibilitar a reflexão acerca do entendimento de corpo e espaço entre estudantes da graduação e pós-graduação da Universidade do Estado do Pará e IFPA, descobertas foram desvendadas, entre cafés e momentos íntimos sem limitações de diálogos. Os corpos passam a compreender suas trajetórias, por meio de relatos de experiências com as lembranças das suas chegadas à universidade e como suas sexualidades os colocaram em dados espaços.

Vale ressaltar que alguns desses corpos não reconheciam ou não tinham a visibilidade de como eram atravessados geograficamente pelas suas orientações sexuais. Após um questionamento-chave, puderam então passear em suas memórias, revisitando suas trajetórias e demarcando seus pontos cardeais, de acordo com as suas relações, abordadas pelas suas sexualidades.

Amor do cuidado, sempre bom menino

— *Se o amor é energia, ele está sendo explorado por alguém.*
(Joseli Silva, sala de aula, 2023)

Abordando leituras provocativas de outras áreas, deparei-me com a “síndrome do bom menino”, planificada pela Psicologia. A teoria consiste na compreensão de que todo corpo masculino repreendido por algum traço da sua sexualidade, sendo ela transgressora aos padrões previamente instituídos, é compactado em uma versão de ser humano que, exageradamente, comporta-se como um bom menino, sempre muito solícito com todos externamente, esquecendo de ser afetuoso e cuidadoso consigo mesmo.

Nessa relação, Silva e Ornat (2021), levando em consideração outras pensadoras como Luce Irigaray e bell hooks, apontam que o amor é um poder material e que, através das construções de masculinidades, podem dominar comunidades inteiras. O amor é uma energia capaz de criar e recriar sentidos da vida e também colocar corpos em situações hostis, devido ao amor se

sobrepôr as dores do sujeito, pelo bem de outros sujeitos. E quando isso é percebido, o amor é utilizado para construir uma realidade forçada e forjada em prol do bem estar, não do corpo que ama, mas dos sujeitos que são os amados.

Me coloquei nos lugares de violência, como a igreja, por conta de amar a minha família mais que a mim mesmo. Na igreja nasceu em mim doenças como a depressão e a ansiedade, e era visto como algo bonito o meu sofrimento em permanecer ali. Mesmo em casa, e sempre em casa, no meu quarto, o desejo de morrer era eminente, pelas coisas que me eram ditas na igreja, e pelas pessoas que eu amava. Por anos essa foi a minha realidade, e meu espaço se tornou tão reduzido que acredito que eu seria outra pessoa hoje sem tudo isso que eu passei. Hoje, não é que não as amo mais, mas escolho me amar primeiro (Mariquinha, entrevista realizada em 2023).

Os corpos que amam se submetem a espacialidades hostis em nome de um amor que, em muitos casos, é parcial. Palavras e ações que diminuem as vivências dos sujeitos e que também implicam na produção de suas espacialidades, são fomentadas em muitos espaços através do amor. E, como expressam Silva e Ornat (2021), se amor não é algo definitivo ou dado, mas está em um campo de forças que o disputam enquanto concepção, cabe a leitura feminista fomentar definições alternativas, que promovam a emancipação e expansão do espaço amoroso, e não mais a limitação e dor desse sentimento.

Quando Ahmed (2006) argumenta que as orientações não apenas influenciam como ocupamos o espaço, mas também como compreendemos esse mundo de habitações compartilhadas, ela explora, em sua obra, o corpo orientado pela experiência dolorosa de se posicionar como alguém com uma sexualidade dissidente, exposto a orientações prejudiciais que o levam a se direcionar estrategicamente para espaços onde as relações de poder não o tornariam mais vulnerável.

É possível destacar que a performer da sexualidade que é ligada ao gênero feminino se sobressai, quando se trata do silenciamento e da repressão. Os dados de mortes e violências com pessoas de outras sexualidades e gêneros são mais expressivos quando esses corpos expressam o que comumente se espera de uma performer feminina de gênero, ainda que seja exercido por uma masculinidade não hegemônica, o que reduz o espaço de pessoas LGBTQ+ em dadas situações.

Uma questão que sempre me marca, sobre nossos traços de feminilidade. De ser afeminado. Pra gente tudo tem que ser calculado. Tudo. A gente não pode demonstrar muito, porque iriam desconfiar. Como sempre desconfiavam, porque não somos 100% perfeitos. Mas a gente tenta driblar os olhos, mas a gente acaba fugindo do personagem (Paula, entrevista realizada em 2023).

Por vezes, essa manifestação de poder pode acontecer por meio da coerção e de pressões que orientam indivíduos a ocuparem espaços específicos e a

adotarem comportamentos determinados dentro desses espaços (Ahmed, 2006). Porém, quando o poder percebe que está perdendo sua força, a violência pode se instaurar como uma forma de manter as ordens estabelecidas (Arendt, 2009), que eram consideradas únicas, verdadeiras e imutáveis, sem permitir qualquer forma de transgressão.

Ao questionar, nos diálogos abertos, os participantes desta pesquisa, encontram-se vivências que se assemelham diante dos cenários de medo e comportamentos nos espaços públicos. Salienta-se como a “feminilidade” passa a ser vista como um marcador da imperfeição, o que gera um desconforto espacial de redução de espacialidades. O medo gerado pelas redomas do que pensam e fazem os amigos, familiares e desconhecidos, limita os sujeitos e os condensa a performar um gênero enrijecido e autoviolento.

Para Dayrell (2005), as privações de espaço para as juventudes geram a ausência da esperança por um futuro. É negada, assim, a possibilidade da construção futura, visto que são atravessados por uma existência que os negam e os colocam em um lugar de proibição de seus corpos no espaço. Para este estudo, os corpos pautados são dissidentes por não se encaixarem nas normas padronizadas de existência, e também são jovens, em idade e em processo de vida nas suas construções espaciais.

Baseado nas concepções da autora Doreen Massey, Dayrell (2005) e Neto (2015) refletem sobre a espacialidade, compreendendo a produção do espaço e a forma como o que se define e imagina, sendo um ato político, a fim de contribuir com as lutas em torno dos significados de mundo, em sua sociabilidade espacial. Assim, bem como refletem em suas obras, as desigualdades de classe, de sexualidade, de gênero e de racialidade privam corpos dissidentes de jovens do direito à juventude, levando-os (levando-nos) a diminuir seus espaços individuais, restringindo-se ao que é aceito socialmente, perdendo seus protagonismos, e passando a juventude sem saber o que poderiam ser e como ser nesse espaço. Quem você seria hoje sem as definições limitadoras imputadas desde a sua infância?

Produção do espaço e produção da dor: marcadores do corpo como produtores de espacialidades e da ciência

Butler (2018) dialoga com Foucault (1984), ao aprofundar socialmente o dispositivo da sexualidade no âmbito das relações, e ambos compreendem esse dispositivo a partir de um indivíduo dotado de um sexo ao nascer, gerando implicações de um pseudo gênero, ao qual será designado e disso se desdobrará todos os comportamentos, desde as cores de suas roupas até os exames que será submetido, assim:

Esta é uma menina, então ela vai, quando crescer, assumir o papel tradicional da mulher na família e no trabalho; este é um menino, então ele assumirá uma posição previsível na sociedade como homem (Butler, 2018, p. 4).

Butler (2018) também configura as fronteiras e superfícies do corpo ligadas a uma construção política, acreditando assim que o gênero é culturalmente construído, sendo os significados assumidos pelo corpo, e esse debate deve ser

reformulado para sobrepor as relações de poder imbuídas nesse fator. E quando esse corpo generificado não mais segue os desígnios que lhe foram imbuídos, é, então, atravessado pelo projeto de morte que o apaga socialmente, a exemplo dos corpos que possuem masculinidade não hegemônica e são tratadas como performando uma “feminilidade”.

O gênero, então, está para a sexualidade como a materialização do papel que se espera empenhar através do sexo designado no nascimento (Butler, 2017). Mas assim como para Butler (2017) e Ahmed (2006), o sexo, por mais que binário para a praticidade da medicina, não supre a diversidade de gênero e materialidade do gênero, que se enquadra no resultado desse corpo orientado, ou desorientado, no espaço. Isto então corrobora com a diversidade de gênero e sexualidade que surge, ao se permitir desenvolver os corpos através de suas particularidades.

Ahmed (2006) visa a compreensão de como objetos e corpos adquirem orientações, como eles “apontam” um para o outro, ou melhor, o cruzamento entre objeto e corpo que tensiona a orientação para tal lado ou para o outro lado. Seguindo em como os corpos são sexuados, sexualizados e racializados “como eles se estendem, se pontificam, no espaço, como uma extensão que diferencia entre ‘esquerda’ e ‘direita’, ‘frente’ e ‘atrás’, ‘para cima’ e ‘para baixo’, bem como ‘perto’ e ‘longe’” (Ahmed, 2006, p. 4).

Em Leal e Silva (2022), as orientações expressadas por Ahmed (2006) podem ser visualizadas na performer de virilidade do masculino, sendo seus componentes: força, coragem, capacidade de combate, “direito” à violência e privilégios sociais (Leal; Silva, 2022), os colocando em posição de dominação sob qualquer diversidade de sexualidades, construindo assim uma lógica de sociabilidade entre os diferentes e entre o gênero masculino.

Ser familiar ao espaço é dar ao corpo a capacidade de se orientar desta ou daquela maneira. Isto é, ao tornar o espaço hostil, nossas orientações se tornam nocivas e obrigatórias, não sendo assim uma espacialidade que se materializa naturalmente, mas, sim, moldada pela exigência do gênero e da sexualidade esperados socialmente.

Sim, refletindo sobre, percebi que quando entrei na graduação, minhas amigas eram com as meninas, devido a minha sexualidade. E elas estavam envolvidas com os grupos e debates da agrária. Então meio que fui também por esse caminho, e gostei. Em outros espaços, com grupos de homens héteros, eu já não me sentia mais confortável (Um Leão, entrevista realizada em 2023).

Ao compor um cenário científico, constata-se que mesmo com as abordagens e metodologias feministas tendo o mesmo processo histórico de surgimento de outras abordagens críticas à Geografia, mesmo com produções estreitamente coerentes, concisas, necessárias e urgentes, há um processo de diminuição dessas obras, sobretudo nas graduações em Geografia no Brasil, como bem aponta a trajetória de escritos em Silva (2009).

O “homem universal” como construtor da ciência não está somente nas decisões políticas pedagógicas das escolhas de disciplinas, mas também nos direcionamentos dos debates científicos acerca de temas tidos como subversivos. Ora, é indiscutível como as metodologias e abordagens

decoloniais, encabeçadas na ciência geográfica por homens brancos, em sua maioria, ganharam em um curto tempo-espaço visibilidade em debates, eventos, produções e destaques científicos, sobretudo em espaços formativos de graduação, em contrapartida aos avanços de ciências protagonizadas pelo gênero feminino (Santos *et al.*, 2023).

Aqui falo de um recorte geográfico, que pode se assemelhar àquele de leitores que também identificam essas ausências em suas formações, ou não. Isso difere, por exemplo, em regiões que tiveram esforços e perdas de personagens da Geografia do Brasil que puderam aproveitar os pequenos espaços dados para se concretizar como uma potência, referências entre nós. Mas, de onde falo, ainda não vencemos essas lacunas, que são expressadas corriqueiramente por discentes que gostariam de se encaminhar e fortalecer ramificações da Geografia tidas como dissidentes, mas, por não haver espaço, orientadores, grupos de estudo, permaneceram nesse ponto.

A questão da orientação se torna, para Ahmed (2006), uma contestação não apenas sobre estar no ponto cardeal da orientação geográfica, mas de que forma, ou com quais atributos e ações, permanecer, ou não, no ponto cardeal de dada orientação geográfica. Isto é, a forma como nos especializamos no espaço também expressa como o estamos vivenciando. Se as tensionalidades são nocivas, o espaço automaticamente se torna violento, e isso inviabiliza o pleno viver de indivíduos em espaços que, para a outra parte da população, são vistos e vivenciados de forma saudável.

Acerca dos reflexos desses direcionamentos em corpos, como já expressado pelas narrativas do diário livre de Paula, observa-se como a feminilidade é vista como um marcador negativo em corpos de gênero masculino. Da ciência à vivência, as limitações, diretrizes e orientações implicam-se na impermanência da vida.

Temos, assim, controles impostos que levam à dor. A dor é um marcador pertinente quando o espaço se torna limitado e limitante ao atravessar a espacialidade de corpos dissidentes, afetando e gerando dor em corpos, não pelo que são no espaço, mas por como são tratados nesse espaço:

O sofrimento é marcado por um determinante social, no sentido do preconceito em si impactar a saúde mental de pessoas LGBTI+. Não se tratam de pessoas doentes em si por conta de sua identidade de gênero ou sexualidade, mas pela violência social as afetar intensamente (ANTRA, 2023, p. 24).

A impermanência da vida e as escolhas científicas são implicadas pelas espacialidades dos corpos em seus meios sociais e acadêmicos. No diário livre de Cara de Sapo, temos uma dor expressa muito pertinente e que vale salientar neste estudo, é expressivo o quanto o espaço acadêmico pode ser tornar o mais violento para esses corpos. Nesse espaço físico da universidade onde se orienta esse corpo, há símbolos nazistas grafados nos muros dos banheiros masculinos, sendo ele um homem negro exposto a essas tensões. Além da implicância com os posicionamentos acerca dos atravessamentos do racismo e LGBTfobias em sala, o ódio a essas corporalidades são expressadas fisicamente e psicologicamente, e isso influencia na evasão acadêmica e também nos dados de morte aqui expressados.

Considerações transitórias

Como proposta inicial do estudo de materializar cientificamente a localidade de corpos dissidentes, que são diretamente atravessados pelas suas performances de gênero, compreende-se que o precário debate dessas linhas são fatores que demarcam, nos corpos dissidentes, as formas pelas quais elas se movimentam no espaço, de forma a não saberem quem são, de fato, sem todos os atravessamentos nocivos que foram impostos em suas trajetórias.

Ademais, ao propor a interpretação de como são espacializados cardinalmente, através de pontos de referências específicas, como os marcadores sociais de suas sexualidades, os orientando nocivamente em seus territórios, observa-se que a vivência periférica e a incidência dos atravessamentos de seus marcadores, não somente são lembranças perdidas em suas memórias, mas moldam, continuamente, seus comportamentos, espacialidades, percepções de sociedade e suas próprias performances de sexualidade.

Ao Cara de Sapo e para Um Leão, esses corpos tão expressivos e identificáveis nas universidades, faz-se pertinente uma Geografia que permita a liberdade da construção científica através e por corpos negros e LGBTQ+, que se sintam confortáveis nos ambientes educacionais para promoverem a diversidade científica. Para Mariquinha e Paula, não somente confiar que suas existências possam ser corretas, e que elas não dependem do bem estar de uma terceira pessoa, mas também que suas características tidas como uma leitura de “feminilidades” é que promovem um espaço diverso e possível de existência, e de extremo potencial de desenvolvimento científico e pessoal, seja nas ruas ou e em suas casas.

Deixo para a comunidade geográfica um questionamento: importa para a Geografia a espacialidade do corpo jovem dissidente? Houve um tempo que nossas metodologias e abordagem foram engessadas por limitações da classe, mas fica evidente que o espaço geográfico se produz e se reproduz não somente pelas relações econômicas, mas também por demarcações referentes ao corpo. As corporalidades não são apenas pautas de identidades de sujeitos, mas questionadores da morte desses sujeitos, o que também identificamos como caminhos.

O que faz dessa Geografia ser uma potencializadora de visão de mundo é, justamente, enxergar as relações no espaço sob as vendas do sistema capitalista, e ainda mais crítica ao questionar esse sistema e tudo o que ele produz. Para tanto, se para a ciência geográfica a corporalidade de jovens dissidentes não importar, as mortes desses indivíduos exigem que haja importância. Não há um pedido da boca daqueles que foram transformados em dados, mas uma exigência epistêmica daqueles que ainda persistem em existir para além desses dados.

*Há tantos moleques que vão nascer
Com uma asinha quebrada
E eu quero que eles voem, companheiro
Que a sua revolução
Dê a eles um pedaço de céu vermelho
Para que possam voar.*

(Pedro Lemebel)

Pedro Israel Mota Pinto



Referências

- AHMED, Sara. **Queer phenomenology**: orientations, objects, others. Durham; Londres: Duke University Press, 2006.
- ANTRA. **Mortes e Violências Contra Lgbti+ no Brasil**. Florianópolis: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2023.
- ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- BENTO, Maria. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia) - Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- BUTLER, Judith. Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil. **Folha de São Paulo**, v. 19, n. 11, 2017.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. São Paulo: Editora José Olympio, 2018.
- CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. PORTARIA N° 272/2019. Estabelece as normas gerais do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID. **Territórios pela Paz**: Diagnósticos socioeconômico, infraestrutura e indicadores de violência. Pará, 2019.
- COUTO, Aiala. A periferia de Belém sob vigilância e controle: o narcotráfico por uma perspectiva miliciana. **Geografares**, n. 27, p. 85-102, 2018.
- DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena**: o rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.
- EVARISTO, Conceição. Não nasci rodeada de livros, mas de palavras, através da literatura oral. Entrevista. **Jornal El País**. Paraty, publicado em 03 de julho de 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/29/cultura/1501282581_629505.html. Acesso em: 23 jan. 2021.
- EVARISTO, Conceição. **Conferência de abertura do XI COPENE – Congresso Brasileiro de Pesquisadoras/es Negras/os: Negras Escrevivências**. 2020. Curitiba – Paraná. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=biBn732cI5E&ab_channel=ABPN. Acesso em: 01 jun. 2021.
- FERREIRA, Carmena. **Produção do espaço urbano e degradação ambiental**: um estudo de caso sobre a várzea do Igarapé do Tucunduba Belém-Pará. 1995. Tese (Doutorado em Geografia) Pós-Graduação em

Geografia Física, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

LEAL, Leila; SILVA, Luzia. Masculinidade, Comportamento Violento E Vulnerabilidade Juvenil. In: XVIII SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA. XVIII Semana, 2022, Feira de Santana. **Anais [...]**. Feira de Santana, 2022, p. 1-14.

NETO, Nécio Turra. Definir juventude como ato político: na confluência entre orientações do tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTI, Lana.; CHAVEIRO, Eguimar; PIRES, Lucineide (Org.). **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2015.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática. 1993.

ROSSI, Rodrigo. Homens jovens em conflito com a lei e seus territórios urbanos. In: SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento; SILVA, Joseli Maria (Org.). **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa: Toda palavra, 2011 p. 283-306.

SANTOS, Felipe; *et al.* GÊNERO E JUVENTUDES: ANÁLISE DA PRODUÇÃO GEOGRÁFICA BRASILEIRA. In: 8º Colóquio Mulher e Sociedade, 2023, Ponta Grossa. **Anais do 8º Colóquio Mulher e Sociedade**. Ponta Grossa: 2023, p. 1 – 15.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. 2009.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Márcio José. Casa, Corpo e Amor: desafios à imaginação geográfica no Brasil em tempos de pandemia. In: VÁZQUEZ; Georgiane; SILVA, Joseli; WOITOWICZ, Karina (Org.). **Vivências de mulheres no tempo e espaço da pandemia de Covid-19: Perspectivas transnacionais** – Curitiba: CRV, 2021, p. 45-70.

SILVA, Mariah. **Zonas de te(n)são entre desejo e nojo: cisgeneridade como paradigma da subjetividade sexual**. Salvador: Devires, 2023.

Recebido em 20 de setembro de 2023.

Aceito em 10 de abril de 2024.

Pedro Israel Mota Pinto

